

Plano Piloto está perdendo alunos

Segundo dados da Secretaria de Educação, evasão escolar em Brasília é das maiores do DF

ALINE FONSECA

O abandono escolar no Ensino Médio da rede pública do Distrito Federal é também uma realidade no Plano Piloto. No ranking da evasão – parte da pesquisa do Censo Escolar 2003 divulgada pelo Ministério da Educação –, com 10,5% de abandono, Brasília (considera-se Asa Norte e Asa Sul), está em 12º lugar e à frente de localidades como Ceilândia, Riacho Fundo e Paranoá.

A campeã é Brazlândia, com 24,2% de abandono, mas

é o resultado de Brasília que surpreende. O Plano Piloto está perdendo mais alunos que Ceilândia (9,5%), Riacho Fundo (9%), Paranoá (6,5%), Lago Norte (10,4%) e Lago Sul (1,5%).

Segundo o diretor de Pesquisas da Secretaria de Educação, José Arimatéia dos Santos, a principal causa para a evasão é a falta de apoio familiar. "A família está ausente, não acompanha seus filhos ou incentiva-os a continuar na escola. Muitos ainda pensam que é a escola que tem de cuidar de tudo, quando, na

verdade, trata-se de uma parceria", diz Arimatéia.

Mas esta não é, de fato, a única explicação para a evasão. A realidade das escolas do Plano Piloto é que seus alunos, em sua maioria, não são oriundos da cidade. De acordo com a Gerência Regional de Ensino, cerca de 70% dos alunos da Asa Sul são do Entorno e de cidades-satélites; na Asa Norte, 50% deles também são de fora. Por isso, boa parte dos estudantes deixa a escola por falta de dinheiro para pagar o transporte.

A grande vilã da evasão, porém, é a exclusão social: pelo menos 50% dos alunos que deixam as salas de aula as abandonam para entrar no mercado de trabalho, pressionados pela baixa renda familiar e a necessidade de sobreviver.

"Começamos a perceber isso com o crescimento de pedidos de declaração de escolaridade para trabalho ou estágio. Com o tempo, notamos que a frequência diminui", diz Luiz Lapa, diretor do Setor Leste, uma das maiores escolas do Plano Piloto.

No início do ano, o Setor Leste recebeu três mil estudantes. Hoje, no início de setembro, são 2.500. "Vejo três grandes motivos para a evasão escolar: o maior deles é o ingresso no mercado de trabalho, depois a falta de dinheiro para pagar o transporte e por último a violência entre as gangues", resume Lapa.

Atualmente, 1,5 milhão de jovens são colocados ao ano no mercado de trabalho brasileiro. Para o diretor, há falta de incentivo para o aluno do Ensino Médio continuar a estudar.

A EVASÃO

1) Brazlândia	24,2%
2) Gama	20,1%
3) Recanto das Emas	19,6%
4) Santa Maria	19,2%
5) Núcleo Bandeirante	16,6%
6) Guará	15,9%
7) São Sebastião	15%
8) Samambaia	14,7%
9) Planaltina	14,1%
10) Candangolândia	13,4%
11) Taguatinga	12,4%
12) Brasília	10,5%
13) Lago Norte	10,4%
14) Ceilândia	9,5%
15) Riacho Fundo	9%
16) Paranoá	6,5%
17) Cruzeiro	3,9%
18) Lago Sul	1,5%

UESLEI MARCELINO



Muitos estudantes deixam as salas de aula para entrar no mercado de trabalho, pressionados pela necessidade de sobreviver

Não é fácil trabalhar e estudar

O mercado de trabalho e a situação socioeconômica do País estão tirando muitos jovens da escola pública no Distrito Federal. De acordo com o Censo Escolar 2003, 5.150 alunos abandonaram o Ensino Médio este ano – e a maioria partiu em busca de trabalho para sobreviver.

Essa realidade independe de classe social. Em Brazlândia, cidade com maior índice de abandono, ou no Lago Sul, com o menor, os jovens estão saindo das salas de aula para ganhar dinheiro.

E, para agravar a situação, no Ensino Médio não há o visitador escolar, figura que procura incentivar os alunos ausentes a voltarem à escola.

O guardador de carros Clenildo Torres, 24 anos, abandonou a escola no ano passado para sustentar a família. Ele mora no Céu Azul (GO), cidade do Entorno, e estudava na 508 Sul. "Mas tenho

aluguel para pagar e uma filha para criar. O tempo que ficava em sala de aula é o mesmo com que ganho trocados a mais", conta Clenildo.

"A minha força de vontade era grande, afinal, saía do Céu Azul para estudar. Sonho como todo mundo em ser alguém; um dia volto a estudar", diz o flanelinha. Clenildo cursava o antigo supletivo (hoje Educação de Jovens e Adultos). "Sei que estudando poderia ter melhores oportunidades, mas não tive opção além de trabalhar", fala.

Para Luiz Lapa, a escola pública também precisa oferecer melhor infra-estrutura para os alunos.

"O estímulo e o atrativo poderiam conscientizar o jovem a continuar em sala de aula", acredita. "Mas é fato que no Brasil a realidade do ensino é que muitos jovens não podem conciliá-lo com o trabalho", afirma.